

## Ao amigo Franckie, do seu Monteiro Lobato

Por Kátia Chiaradia (UNICAMP)

### Introdução

Data do período de 1934 a 1937 o estreitamento de relações entre Monteiro Lobato e o suíço *Karl Werner Franke*, engenheiro do petróleo que, imigrado em junho de 1920, passa a chamar-se *Charles Frankie*. Lobato e *Franckie* trocaram, nesse período de aproximadamente três anos, mais de cem missivas<sup>1</sup> além de alguns documentos técnicos relacionados à exploração do petróleo brasileiro.

Nessas cartas, Lobato, além de se familiarizar com alguns termos técnico-geológicos da exploração petrolífera, fez críticas contundentes ao Código de Minas de 1934 e ao “atraso brasileiro” e protagonizou a história das primeiras companhias petrolíferas do Brasil.

A análise das cartas trocadas por Lobato e *Franckie* permitiu não só a percepção das implicações políticas que um livro pode ter, como a melhor visualização de um contexto marcante para o petróleo brasileiro, como fundações de companhias, críticas a uma legislação falha e a busca de outra que privilegiasse os interesses nacionais da exploração do petróleo.

### Lobato e Frankie na prosa sócio-política do petróleo

A primeira edição do **Escândalo do Petróleo**, de Monteiro Lobato, é datada de Agosto de 1936. Em sua Introdução, Lobato contextualizava o petróleo brasileiro dentro da história mundial dos combustíveis, ressaltava inúmeras vantagens desse “**fedorento sangue da terra**”, como extração e transporte, bastante facilitados pela geografia da América do Sul, e conduzia o leitor a um questionamento legítimo: “**Se é assim, como então o Brasil se conservou de olhos fechados por tanto tempo?**”.

Em outras palavras, podem-se ler, nessa introdução ao **Escândalo**, fortes acusações contra o Governo Federal, seus Ministros e Departamentos, que, então, pretensamente favoreceriam interesses econômicos norte-americanos, mais especificamente os do truste *Standard Oil-Royal Dutch* em relação ao petróleo de todo o mundo.

Ainda na Introdução, três outros pontos foram realçados por Lobato: **a aprovação da Lei de Minas de 1934**, que proibia a pesquisa e a exploração de subsolo a qualquer empresa, entidade ou cidadão que não agisse em nome do Governo Federal; a entrada de Fleury da Rocha na chefia do Departamento Nacional de Produção Mineral (antigo Serviço Geológico) e, finalmente, o que Lobato denominava de os “**Interesses Ocultos**”, responsáveis pela existência dos dois primeiros pontos.

---

<sup>1</sup> No Fundo *Charles Frankie*, depositado no CEDAE, encontram-se 103 delas, sendo 74 de Lobato para *Franckie* e 39 de *Franckie* para Lobato. Na **Biblioteca Monteiro Lobato**, em São Paulo, na pasta 21, encontram-se outras tantas. Como a sequência imposta aos documentos dessa pasta foi quebrada, pela falta de alguns itens, ainda não foi possível determinar o número exato de cartas depositadas no local.

## A aprovação da Lei de Minas de 1934:

A Constituição de 1891, a primeira republicana, concedia ao proprietário, além do solo, também o subsolo, não fazendo distinção entre um e outro. Em 10 de Julho de 1934, com a segunda Constituição Republicana, Getúlio Vargas criou o *Código de Minas*, que consagrou o princípio de que “a propriedade do solo é distinta da do subsolo”. O parágrafo primeiro do artigo nono concedia ao Estado a propriedade do subsolo.

A intenção aparente de Vargas era preservar o domínio da União sobre o setor mineral. No entanto, Lobato supunha que por trás dessa atitude estivessem os interesses do truste *Standard Oil-Royal Dutch* em reservas de mercado. Ou seja, para Monteiro Lobato, o governo federal brasileiro apenas aparentemente não permitia a entrada de empresas estrangeiras no setor de minérios e prospecção; mas, no momento conveniente, abriria as portas brasileiras para o truste em questão, que dominava boa parte do mundo.

A Lei de Minas de 1934 é diretamente mencionada em pelo menos três momentos da correspondência entre Lobato e *Franckie*: em 15/12/34 (ChF1.2.00044), em 03/05/35 (ChF1.2.00059) e em 07/05/35 (ChF1.2.00061). Nessa última, há um trecho que guarda grande semelhança com uma passagem do “**Escândalo do Petróleo**”:

Vou agora fazer o meu prefácio. Você fará o seu – e num apêndice porei no fim a Lei de Minas, precedida duma introdução maquiavélica em que se prova que foi a Standard que mandou fazer aquela lei cheia de embaraços, para que ela pudesse sossegadamente ir acapando as terras petrolíferas até o dia em que entenda de explorar petróleo. Aí então cairá a Lei de Minas atual, que só terá aproveitado a ela, e virá uma nova que a favoreça. (Trecho da carta ChF1.2.00137, de Lobato para Franckie, de 07/05/35)

As restrições e limitações que a Lei de Minas estabeleceu com o intuito de barrar a entrada dos trustes de fora caíram sobre a cabeça dos nacionais. Os trustes estrangeiros riram-se, piscaram o olho e, á sombra da lei cipó, entraram a acaparar as terras potencialmente petrolíferas, não para explorá-las, o que dentro da nova Lei de Minas lhes é impossível, mas a fim de tê-las como reservas para o futuro – para quando o petróleo de outros países vier a escassear.

Observe-se que Lobato sequer muda o verbo, de um a outro texto, ao falar da intenção da *Standard* com as terras brasileiras: “acaparar”. Em ambos os recortes apresentados também podemos ler claramente a correspondência de conteúdos entre “até o dia em que entenda de explorar petróleo” e “a fim de tê-las como reservas para o futuro”, expressões com que ele denuncia os “interesses ocultos”.

## “Interesses Ocultos”:

A carta de 07/06/36 também é especialmente sugestiva para a comparação entre passagens da correspondência e trechos do **Escândalo do Petróleo**. Lobato abriu-a alertando *Frankie* acerca das acusações sobre a *Standard Oil* e sobre a maneira como essas acusações deveriam ser feitas, propondo que, em vez de citar a *Standard*, melhor seria dizer “Interesses Ocultos”.

E é exatamente essa a forma como Lobato se refere a essa empresa em seu livro, quando trata das causas e conseqüências da nomeação de Fleury da Rocha como chefe do DNPM e da aprovação da Lei de Minas, atos que ele atribui aos “Interesses Ocultos”

Frankie:

Recebi a de 31. Não podemos acusar a Standard. Sabemos que no fundo de tudo está o **octopus (A)**, mas em vez de falar em Standard, **temos de dizer os Interesses Ocultos (B)**. Com a **eliminação do Bach (C)**, esses Interesses conseguiram retardar em anos a saída do petróleo daí. Com o **“suicídio” do Pinto Martins (D)**, idem (converse com o Gama a respeito disto); ora, é natural que eles pensassem que com a eliminação do Edson fosse possível entrar a coisa novamente. O caso serviu para uma nova publicidade e o povo está raciocinando que se querem eliminar o Edson, então é que há mesmo petróleo em Alagoas. (Trecho da carta de Lobato para *Franckie*, de 07/06/36)

“O petróleo está hoje praticamente monopolizado por dois imensos trustes, a *Satandard Oil* e a *Royal Dutch & Shell*. Como dominaram o petróleo, dominaram também as finanças, os bancos, o mercado do dinheiro; e como dominaram o dinheiro, dominaram também os governos e as máquinas administrativas. Essa **rede de dominação(A)** constitui o que **neste livro chamamos os Interesses Ocultos (B)**”

“No prefácio da **Luta pelo Petróleo** vem pormenorizadamente o caso de Alagoas. Vou resumi-lo. Quem primeiro estudou e afirmou o petróleo no Riacho Doce, em Alagoas, foi José Bach, um geólogo alemão residente em Maceió. Mas logo que formou uma pequena companhia para explorá-lo, **“foi morrido afogado” (C)** numa lagoa. Mais tarde, Eutichio Gama e Pinto Martins retomaram a iniciativa. Mas quando Pinto, no Rio de Janeiro, estava para assinar um contrato com os ingleses, **“foi suicidado” (D)** num hotel.

Anos depois Edson de Carvalho associa-se a Monteiro Lobato, Lino Moreira e outros. Retoma o negocio. Consegue fundar a Cia. Petróleo Nacional e tenta as primeiras perfurações. (Trechos da primeira edição do livro “Escândalo do Petróleo”. Pág 03 e Pág 19)

A similaridade dos “modos de dizer” encontrados em textos de diferentes gêneros (epistolar e “de opinião”) parece apontar para a liberdade com que Lobato transitava de um para o outro<sup>2</sup>.

O primeiro exemplo, acima recortado (A), estabelece relação entre “*octopus*” e “rede de dominação”. “*Octopus*”, do grego, oito pés, é um dos primeiros nomes dados ao popular polvo, que, na verdade, possui oito braços. Uma vez que não é notado no ambiente, pois se camufla, o polvo surpreende suas vítimas desprevinidas, prendendo-as firmemente entre seus oito braços, como numa “rede de dominação”. Segundo Lobato, esse era também o comportamento da *Standard*, disfarçando-se em empresas ou órgãos nacionais para, quando fosse interessante, prender sua vítima, os petroleiros brasileiros, até a morte.

Relação bem mais óbvia ocorre no par (B). Em carta a *Franckie*, Lobato afirma que é necessário que a *Standard* seja denominada de “interesses ocultos”, para evitarem acusações escancaradas. No seu livro, Lobato anuncia que à “rede de dominação”, que já provamos tratar-se da *Standard Oil*, chamará “interesses ocultos”.

Nem tão óbvia, mas também de fácil relação são os pares (C) e (D). No primeiro, Lobato, em

---

<sup>2</sup> Isso já foi também trabalhado recentemente na dissertação de mestrado de Raquel Afonso da Silva (IEL-UNICAMP), que estuda como Monteiro Lobato transfere para as cartas de seus leitores mirins a fantasia, típica da ficção.

carta, afirma categoricamente que o caso da morte do geólogo Bach deve ser tratado como “eliminação”, ou seja, assassinato; e no livro, usando de ironia, apassiva um verbo que, em princípio, não deve ocorrer na voz passiva, dando notoriedade ao caso: Bach “foi morrido”. Tal notoriedade é reforçada linhas abaixo com o mesmo procedimento lingüístico em (D): Pinto Martins, para ele, “foi suicidado”, com mesma carga de ironia que utiliza em sua carta a, “suicídio”, entre aspas, de Pinto Martins.

Outro exemplo aborda, em livro e nas cartas, a tentativa de Lobato de afastar o DNPM das pesquisas de *Franckie* Alagoas.

O caminho que me parece conveniente é, depois de S.Paulo fazer o contrato e enquanto os geofísicos não chegam da Alemanha, irmos a Alagoas ver aquilo e debater com o Edson e o Osman o problema.

[...]

**Insisti com Edson para que não deixe de forma nenhuma o governo de Alagoas fazer os estudos pela Camorra (E)**, sobretudo agora que ela se denunciou cinicamente. E sobre isto teremos que insistir com o Costa Rego, fazendo-lhe ver **que infâmia foram os estudos da “geofísica política” da Camorra em S.Paulo (F)**. Temos agora de ir malhando neste ponto para impedir qualquer combinação de Alagoas com a Camorra até chegarmos lá. (Trecho da carta de Lobato para Franckie, de 25/08/35)

A **camorra** federal agita-se. Que maçada! Aquela peste de poço S.João podia dar panos para as mangas e estragar os negócios da Standard Oil no Brasil. **Era urgente um golpe decisivo contra o perigoso Edson. Repetir em Alagoas o golpe de Fleury da Rocha (E)** contra a Companhia Petróleos do Brasil, de São Paulo. [...] Graças à sua perícia [Bourdote Dutra, a pedido de Fleury da Rocha], o Departamento **abortava o poço do Tucum, em São Paulo (F)**, o infame poço que tivera o topete de dar gás e os primeiros galões de ótimo petróleo ainda revelados no Brasil. (Trecho da primeira edição do livro “Escândalo do Petróleo” Pág 20)

É interessante notarmos como as escolhas lexicais de Lobato não se alteram de um gênero a outro, como, por exemplo, no uso de “Camorra”. Os argumentos utilizados com os diferentes leitores (*Franckie*, na carta; seus leitores, no livro) também se repetem (E): em ambos os trechos, é lembrado o desfalque desferido contra São Paulo pelos técnicos de Fleury da Rocha. No entanto, notamos que algo no tom é alterado no trecho do livro, que ganha traços de ironia e humor (F).

Abaixo, na coluna da esquerda, os trechos de duas diferentes cartas, escritas no espaço de tempo de uma semana, se diferenciam, de certa maneira, dos trechos até agora citados. Neles, entramos em contato com um detalhe técnico da perfuração, também citado no livro, na coluna da direita: a dificuldade da diabase, e a baixa velocidade dos trabalhos de perfuração, detalhados em metragem e em tempo. Se não pelo contato com *Franckie*, de que outra maneira Lobato, um escritor – de família ligada à agricultura, bacharel em Direito e com pequena experiência da vida diplomática –, poderia se familiarizar com tantos termos e métodos para investir em seus livros?

“Estamos agora **numa camada de diabase terrível (G)**, a qual vencemos com muita dificuldade 5 metros e tanto até dia 26. Antes disso havíamos encontrado outra, mas de 2 metros e pouco apenas. O que iremos encontrar debaixo dessa camada é importantíssimo. Talvez marque ela o fim do glacial e a entrada no devoniano. Quem

o sabe?”

“Ora, **estando você trabalhando com uma companhia estrangeira (H)**, inimiga dos americanos, segue-se que poderemos seguir juntos, **já que o inimigo é o mesmo (I)**. E temos de dismantelar a fortaleza do inimigo, que é o próprio S.G. [Serviço Geológico]. Mande-me, pois, os elementos que puder. Façamos obra comum. Se a sua companhia quiser ligar-se conosco, ótimo. Queremos todas as alianças que nos ajudem a vitória. O nosso poço continua rompendo diábase, havendo furado já mais de 8 metros. Mas agora parece que o Rick notou qualquer coisa, pois parou para entubar com 7” até 1050, o que deve estar sendo concluído hoje. O que está por baixo dessa camada isoladora de diábase há de fatalmente ter muita importância.” (Trechos de cartas de Lobato a Frankie, de 30/11/34 (ChF1.2.00041) e de 05/12/34 (ChF1.2.00042))

Tenho de falar de mim. Eu estava na diretoria da Cia. Petróleos do Brasil [...]. Apesar de esfaqueados pelas costas [por Fleury], prosseguíamos na abertura do poço do Araquá. No mês de agosto de 1934 havíamos vazado 213 metros, ao preço excelente de 60\$000 por metro. O entusiasmo era grande. [...]. **Mas sobreveio a diábase (G)**. A diábase é uma rocha eruptiva de extraordinária dureza, que se apresenta em instruções. Uma espécie de D. N. P. M subterrâneo. A despeito de trabalharmos no poço 24 horas por dia, a resistência do obstáculo era tamanha que em quatro meses e meio só vazamos 18 metros.[...]. **Entreí em entendimentos com entidades européias (H)** [...]. **Um grupo tecnico-financeiro alemão [...] propunha-se a financiar todos os trabalhos de perfuração (I)** da Cia. Petróleos e das outras empresas paulistas, a abrir quantos poços fossem necessários, a montar refinarias, a construir oleodutos e o mais relativo à criação da indústria petrolífera, tudo a ser pago por meio de porcentagem do óleo produzido. Nenhuma interferência na vida das companhias. Nenhuma exigência de controle. [...] Isso asseguraria vitória de todas as companhias, sempre curtas de dinheiro e de técnica. (Trecho da primeira edição do livro “Escândalo do Petróleo” Pág 22, 23)

## Lobato, Franckie e o que aqui se conclui

Ao se corresponder com *Charles Franckie*, Monteiro Lobato, discutia seus investimentos, aprendia sobre uma nova área, conquistava um bom tradutor e ensaiava algumas páginas para seu **Escândalo**<sup>3</sup>..*a otimização do seu tempo ,na parceria certa ,sabia buscar ,sem dúvida ,Lobato*

Nesse sentido, sustenta-se a hipótese de que a correspondência mantida com Frankie tenha sido de extrema importância para a elaboração **d'O Escândalo do Petróleo**, que viria a ser publicado em 1936. O objetivo desta comunicação foi, desse modo, apresentar, por meio do cotejo de trechos da correspondência e d'O escândalo, o processo de criação do livro a partir da correspondência mantida entre o escritor taubateano e o engenheiro suíço.

---

<sup>3</sup> A primeira edição de *O Escândalo do Petróleo* vendeu 20.000 exemplares, em apenas 5 meses.

## **BIBLIOGRAFIA**

1) Correspondência com Frankie, Fundo Charles Franckie, CEDAE, Unicamp.

2) OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. São Paulo: Editora Brasiliense . 1956

17 volumes de Literatura Infantil:

1. Reinações de Narizinho;
2. História do mundo para crianças;
3. Memórias de Emília e Peter Pan;
4. Geografia de Dona Benta;
5. Serões de Dona Benta e História das invenções;
6. O poço do Visconde;
7. Histórias de Tia Nastácia;
8. O Picapau Amarelo e A reforma da natureza;
9. A chave do tamanho;

13 volumes de Literatura Geral

1. Urupês;
2. Cidades mortas;
3. Negrinha;
4. Idéias de Jeca Tatu;
5. A onda verde e O presidente negro;
6. Na antevéspera;
7. O escândalo do petróleo e Ferro;
8. Mr.Slang e o Brasil e Problema vital;
9. América;
10. A barca de Gleyre [1º tomo];
11. A barca de Gleyre [2º tomo];

3) OBRAS GERAIS E SOBRE MONTEIRO LOBATO

ADAS, Melhem. *Panorama Geográfico do Brasil*. São Paulo, Ed Moderna, 1938-1998.

AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BEY, Essad. *A luta pelo petróleo* ( trad. De Monteiro Lobato) SP: Companhia Editora Nacional, 1935

BIGNOTTO, Cilza. *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 19XX. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria><http://www.unicamp.br/iel/memoria> .

CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1969, 2 volumes.

\_\_\_\_\_. *Noções de análise histórico literária*. São Paulo: Humanitas-USP, 2005.

CHIARADIA, Kátia. *Ao amigo Franckie, Do Seu Lobato*. Dissertação de mestrado, IEL, Unicamp. 2008

CIVITA, Vitor (org.). *Monteiro Lobato*, in *Grandes Personagens de Nossa História*, vol 4. Ed. Abril, 1969

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.

\_\_\_\_\_. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_ (Org). *Monteiro Lobato, Livro a Livro*. Imprensa Oficial, São Paulo, 2009.  
MORAES, Marcos A. (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, São Paulo: EDUSP, 2001.  
NUNES, Cassiano (org). *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s.n., 1982.

4) WEBGRAFIA

[www.unicamp.br/iel/memoria](http://www.unicamp.br/iel/memoria)  
[www.tau.ac.il/~itamar/ps\\_esp/ps\\_esp.html](http://www.tau.ac.il/~itamar/ps_esp/ps_esp.html)  
[www.lobato.com.br](http://www.lobato.com.br)  
[www.petrobras.br](http://www.petrobras.br)  
[www.ufjf.br](http://www.ufjf.br)